



O brincar na vivência de rua de crianças: retratos e narrativas a partir de Desenhos-Estórias

Joana Missio¹; Dorian Mônica Arpini²

Recibido: 28 de febrero de 2018 / Aceptado: 22 de junio de 2018

Resumo. Brincar é uma atividade que promove o desenvolvimento das crianças, pois é a partir da brincadeira que as mesmas irão experimentar o mundo e se comunicar com ele. A partir disso, este estudo objetivou compreender a experiência do brincar para crianças com vivência de rua. Para isso, realizou-se uma pesquisa de caráter qualitativo, que utilizou o método de Desenhos-Estórias. A coleta de dados foi realizada em uma instituição de acolhimento, sendo que participaram do estudo três crianças que têm e/ou tiveram vivência de rua, de ambos os sexos, que lá residiam. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo temática. Com base nos resultados, pode-se considerar que o brincar pode ocorrer mesmo meio ao risco e à vulnerabilidade da rua, ainda que ele contenha algumas especificidades. Ainda, identificou-se que, para os participantes, o brincar prevalece sobre o perigo, uma vez que este ganhou pouco destaque se comparado àquele. Portanto, a pesquisa possibilitou uma maior compreensão acerca do fenômeno estudado, além de promover encontros nos quais as crianças puderam dialogar sobre suas experiências e expressar sentimentos.

Palabras clave: Infância; brincar; crianças de rua.

[es] El juego en la vivencia de calle de los niños: retratos y narraciones a partir de Dibujos-Historias

Resumen. Jugar es una actividad que promueve el desarrollo de los niños, pues a partir del juego estos experimentarán el mundo y se comunicarán con él. Así, esta investigación tuvo como objetivo comprender la experiencia del juego para niños con experiencias de vida en la calle. A tal fin, se realizó una investigación cualitativa, que utilizó el método de Dibujos-Historias. La recogida de los datos fue realizada en una institución de acogimiento. Participaron en la investigación tres niños que tienen y/o tuvieron experiencias de vida en la calle, de ambos los sexos y que vivían allí. Los datos fueron analizados a partir del análisis de contenido temático. A partir de los resultados, se puede considerar que el juego puede darse también en situaciones de riesgo y vulnerabilidad en la calle, aunque presente algunas especificidades. Además, se identificó que, para los participantes, el juego prevalece sobre el peligro, puesto que conceden poca importancia a este último en comparación con el primero. Por lo tanto, la investigación ha posibilitado una mayor comprensión respecto al fenómeno investigado, además de promover encuentros en los cuales los niños pudieron dialogar sobre sus experiencias y expresar sus sentimientos.

Palabras clave: Niñez; jugar; niños en la calle.

¹ Universidade Federal de Santa Maria (Brasil).

E-mail: joanamissio@hotmail.com

² Universidade Federal de Santa Maria (Brasil).

E-mail: monica.arpini@gmail.com

[en] Playing in the Street Life Experience of Children: Portrayal and Narratives from Drawing-Stories

Abstract. Playing is an activity that promotes the development of children, because on the basis of playing they will experience the world and communicate with it. Consequently, this study aimed to understand how children with street life experience face playing. For this purpose, a qualitative research was carried out, using the method of Drawing-Stories. The collection of data was conducted in a residential childcare institution. In the research, three children who have and/or had street life experience, from both sexes and that lived there, participated. The data were analyzed using the thematic content analysis. On the basis of the findings, it can be considered that playing can occur even in the risk and vulnerability of the street, although it displays some particularities. In addition, it was identified that, for the participants, playing prevails over danger, since the latter showed less prominence when compared to the former. Therefore, the research has made possible a greater understanding of the studied phenomenon; besides it has promoted meetings in which the children could talk about their experiences and express their feelings.

Keywords: Childhood; Playing; Street Children.

Sumario. 1. Introdução. 1.1. A importância do ato de brincar para o desenvolvimento da infância. 1.2. A criança e a vivência de rua: possibilidades de encontros com a diversão. 2. Metodologia. 2.1. Procedimentos de coleta de dados. 2.2. Participantes do estudo. 2.2.1. Luiz, 9 anos. 2.2.2. André, 10 anos. 2.2.3. Nicole, 12 anos. 2.3. Procedimentos de análise dos dados. 3. Resultados e discussões. 3.1. “Além da gente pedir dinheiro [...]. No mesmo tempo a gente brincava”: especificidades do brincar no contexto da rua. 3.2. A rua como um lugar de perigo? 4. Considerações finais. 5. Referências bibliográficas.

Cómo citar: Missio, J.; Arpini, D. M. (2018): O brincar na vivência de rua de crianças: retratos e narrativas a partir de Desenhos-Estórias, *Sociedad e Infancias*, 2, 189-210.

1. Introdução

Houve um encontro inesperado, ocorrido certa vez em uma madrugada nas ruas do centro de uma cidade no interior do Rio Grande do Sul (Brasil), entre a autora e dois meninos já por ela conhecidos, da rede de proteção, ambos com onze anos de idade. Nesse episódio, ao reconhecer as crianças, a mesma saiu do carro em que se encontrava para conversar com elas. Foi sugerido aos meninos que retornassem à instituição de acolhimento onde residiam, uma vez que a rua poderia oferecer riscos naquele contexto. No entanto, mesmo sendo oferecido o transporte até a instituição, eles recusaram a proposta. Suas respostas foram as seguintes: “Não, tia, ainda temos muitas coisas pra fazer”; “Eu não quero voltar, tia”; “Recém começamos a brincar aqui”. No dia seguinte, um dos meninos retornou, o outro não, retornando apenas um mês depois com sinais de violência.

As respostas dadas por esses meninos, nesse episódio, apresentam-se até mesmo como um paradoxo à primeira vista, gerando algumas questões: Como a rua, espaço por vezes entendido como perigoso e ameaçador, pode ser um local onde essas crianças desejam estar? De onde vem esse desejo? Que significados o ato de brincar pode assumir para essas crianças? A serviço de que está esse brincar, ou seja, quais seriam suas funções? De que forma esse brincar, durante a infância, ultrapassa os limites da gravidade de se estar em uma situação de risco e exclusão,

a ponto de os meninos rejeitarem a oferta de serem levados a um local que se dispõe à segurança e à proteção?

1.1. A importância do ato de brincar para o desenvolvimento na infância

A brincadeira é considerada uma atividade característica da infância e inerente a ela. Conforme Winnicott (1971), ela é universal e própria da saúde, promove o crescimento de quem brinca, propicia a liberdade de criação, conduz aos relacionamentos grupais e se configura também como forma de comunicação consigo e com o mundo. Além disso, o autor afirma que “é com base no brincar que se constrói a totalidade da existência experiencial do homem” (Winnicott, 1971: 107) e que é brincando que o indivíduo descobre o eu (self). Assim, o brincar está presente no cotidiano das crianças, pois “observa-se, frequentemente, a atividade lúdica presente enquanto comem, enquanto realizam atividades de higiene e o quanto relutam em parar de brincar, para realizar estas atividades ou até mesmo para dormir” (Stragliotto, 2008: 181).

Pode-se perceber que as crianças trazem elementos da realidade para experimentá-los na brincadeira, ainda que alguns desses elementos causem algum tipo de angústia. Freud já trazia que, na brincadeira, “as crianças repetem [...] tudo aquilo que lhes causou uma grande impressão em sua vida, que assim ab-reagem à intensidade da impressão que sofreram e tornam-se [...] senhoras da situação” (Freud, 1920: 143). Dessa forma, reproduzindo determinada situação na brincadeira, a criança passa de uma posição passiva para uma posição ativa, dominando simbolicamente, enfim, a experiência pela qual antes se sentia dominada (Freud, 1920).

A criança, uma vez assumindo um papel ativo perante a situação que gerou angústia, para elaborá-la, poderá dar vazão a certa raiva ou agressividade, já que na realidade isso não foi possível. Essa dose de agressividade, quando expressa em um meio conhecido, traz para a criança a segurança e a certeza de que não haverá retorno desse ódio do meio externo em direção a ela. Nesse momento, o ambiente onde a criança brinca pode se tornar um fator facilitador dessa elaboração, se for capaz de acolher essa agressividade (Winnicott, 1957). Afinal, nas palavras de Garvey (2015),

Toda brincadeira exige que os brincantes compreendam que o que é feito não é que parece ser. É essa atitude não literal que permite que a brincadeira seja protegida de suas consequências; com efeito, ela permite que a brincadeira seja uma brincadeira (Garvey, 2015: 27).

Embora o brincar seja uma experiência subjetiva, pode-se observar que ele tem algumas características próprias e gerais. Garvey (2015) ressalta essas características, afirmando que a brincadeira: 1) é prazerosa, divertida; 2) não tem metas extrínsecas; 3) é espontânea e voluntária; 4) contém envolvimento ativo do brincante; 5) contém relações sistemáticas com aquilo que é da realidade. Além disso, pode-se incluir ainda, como atributo da brincadeira, o que Winnicott (1971) denomina de “espaço potencial”, que é o tempo e o lugar onde ela ocorre. Esse “espaço potencial” não é interno ao indivíduo, tampouco é externo, mas sim é

intermediário, para onde a criança poderá levar elementos tanto internos como externos e agir sobre eles. “Para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo. Brincar é fazer” (Winnicott, 1971: 69).

Dada a importância do lúdico para a infância, no Brasil, o direito de brincar está, inclusive, assegurado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Art. 16º, inciso IV) no que concerne ao direito à liberdade, na forma de brincar, praticar esportes e divertir-se (Lei n. 8.069, 1990). Esse direito de brincar parece estar intimamente ligado ao Artigo 7º do mesmo documento, que dispõe sobre o direito que a criança e o adolescente têm à vida e à saúde, através de políticas públicas sociais que possibilitem o desenvolvimento digno, sadio e harmonioso, uma vez que o brincar faz parte desse desenvolvimento.

No entanto, sabe-se que esses direitos, assim como outros previstos pelo ECA, não estão garantidos para muitas crianças na realidade brasileira. Logo, se o brincar está fortemente conectado com a experiência da infância, e esta se encontra invadida e atravessada por fatores como a pobreza, vulnerabilidade e a exclusão social, isso significa que esse brincar também pode ser afetado.

1.2. A criança e a vivência de rua: possibilidades de encontros com a diversão

A cena de meninos e meninas vagando pelas ruas das grandes cidades, trabalhando, dormindo ou realizando qualquer outra atividade, tornou-se comum e é presenciada pelos transeuntes, evidenciando as desigualdades sociais. Isso ocorre porque a rua é um espaço que pode oferecer dinheiro, aventura, reconhecimento, ausência de obrigações e liberdade (Lucchini, 2003). Soares *et al.* apontam para o fato de que as crianças buscam algo nas ruas, e que essa busca “pode ser compreendida, em parte, como uma tentativa de criar ou ampliar possibilidades para suas vidas” (Soares *et al.*, 2003: 218). No entanto, ainda que a rua seja um espaço onde tudo é possível, também é um espaço de violência, de frio, de desamparo, de barulho e de sujeira (Barros, 2008), aspectos esses que não podem ser desconsiderados e devem ser entendidos como prejudiciais ao desenvolvimento pleno e à dignidade da criança.

Ainda assim, a criança vê a rua como “o recanto do imaginário, guardando um certo fascínio, promessas de liberdade, novidades, prazeres proibidos em casa” (Ferreira, 2000: 4). As inúmeras possibilidades geram o sentimento de liberdade na criança, que pode se manifestar de forma lúdica, ainda mais quando exercida em conjunto com um grupo. A “farra” e a “diversão” parecem estar, segundo Soares *et al.* (2003), na essência da experiência na rua, uma vez que a ausência de julgamentos e repressões possibilita a meninos e meninas “brincarem” do modo que quiserem.

Em um meio urbano cada vez mais cerceado de sua utilização pública, estas crianças se apropriam da cidade de uma maneira que parece subverter a ‘ordem’ social dada: divertem-se em grupo, ‘zoam’, e utilizam drogas como forma de diversão (Soares *et al.*, 2003: 205).

Esses autores destacam que essa diversão muitas vezes se dá por meio do uso de drogas, principal modo de obter prazer, mas que também ocorre de outras formas: correr, gritar, tomar banho no chafariz, jogar “taco”, cantar, passear, que remetem a experiências próprias do período da infância, diferentemente do uso de drogas. Ressaltam também que isso advém do caráter criativo com que essas crianças se apropriam do espaço da rua, bem como do desejo de viver e ser feliz. Percebe-se, dessa forma, que mesmo em meio à insegurança e aos riscos, mesmo tendo de tomar posturas e atitudes de um “adulto” que decide sobre sua própria vida, esses meninos e meninas ainda são, essencialmente, apenas crianças.

Jorge Amado, em seu romance *Os Capitães da Areia* (1937), ilustrando a vivência de rua de um grupo de meninos no nordeste brasileiro, narra um episódio em que esses meninos, em meio à exclusão social e à vulnerabilidade, têm a oportunidade de andar em um carrossel. Essa oportunidade decorre de um dos meninos, que estava temporariamente trabalhando no motor do carrossel, enquanto este estava na cidade como atração. Esse episódio retrata, conforme Hatoum (2009: 169), “uma pausa na vida arriscada e marginal, uma entrega à magia e ao sonho da infância”, mostrando a força da ludicidade enquanto elemento infantil ao mesmo tempo em que emergem experiências de sofrimento e abandono.

Pela madrugada os Capitães da Areia vieram. O Sem-Pernas botou o motor para trabalhar. E eles esqueceram que não eram iguais às demais crianças, esqueceram que não tinham lar, nem pai, nem mãe [...]. Esqueceram tudo e foram iguais a todas as crianças, cavalgando os ginetes do carrossel, girando com as luzes (Amado, 1937: 80).

Logo, observa-se que essas crianças inventam o espaço da diversão mesmo onde ele parece não existir, ou quando as circunstâncias são desfavoráveis. Alves (1998) aponta, em um estudo, que no brinquedo utilizado por crianças com vivência de rua estão colocados o prazer, a imaginação, o bom-humor e a criatividade, tal qual ocorre com tantas outras crianças que não estão em situação de risco. Isso evidencia o caráter universal do brincar, que mesmo modificado e reconstruído pelos diferentes tempos, contextos e culturas, prevalece e se manifesta no momento de infância de alguma forma.

A partir dessas reflexões iniciais, foram abordadas neste estudo algumas possíveis interlocuções entre o brincar, a infância e a vivência de rua. Para tal, houve o encontro com três crianças que tem e/ou tiveram vivência de rua, e que estavam, no momento da pesquisa, sob medida de proteção de acolhimento institucional, de forma que foram contatadas a partir da instituição em que residiam. Logo, este artigo objetivou compreender a experiência do brincar para crianças com vivência de rua, de modo que o encontro com cada criança possibilitou essa compreensão, proporcionando também importantes reflexões sobre como a brincadeira se manifesta no contexto da vivência de rua e quais os seus sentidos para as crianças participantes.

2. Metodologia

O presente estudo é de caráter qualitativo, pois trabalha com o “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 1994: 21-22) de cada sujeito na realidade social em que se encontra. Logo, parte do pressuposto de que existe uma relação dinâmica entre o sujeito e a realidade, sob a forma de uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto (Chizzotti, 1998). Por isso, a perspectiva qualitativa foi fundamental para atingir os objetivos deste estudo, tendo em vista a complexidade do contexto de vivência de rua no qual foi realizada a pesquisa, bem como a intenção de compreender o fenômeno da brincadeira de crianças nesse âmbito.

Assim, a partir dessas noções em pesquisa qualitativa, neste estudo assumiu-se que os resultados não podem ser generalizados, isto é, correspondem a uma realidade específica. Assumiu-se também a não neutralidade por parte da pesquisadora, uma vez que a relação entre a mesma e os participantes foi considerada e trabalhada. Minayo (2014) ressalta que a interação humana é mais do que uma coleta de dados, é uma relação na qual as informações fornecidas podem ser afetadas pela qualidade do encontro. Logo, a partir da criação do espaço de fala e de escuta, essa relação tornou-se imprescindível para o aprofundamento das questões pertinentes à trajetória de cada criança.

2.1. Procedimentos de coleta de dados

A pesquisa foi realizada em uma instituição de acolhimento de crianças e adolescentes de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul (Brasil) e foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade na qual são filiadas as autoras.³ Optou-se pelo acolhimento institucional, – medida de proteção prevista pelo artigo 101, inciso VII do Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n. 8.069, 1990) - como campo de pesquisa, pelo fato de lá residirem crianças que têm ou tiveram vivência de rua. Rizzini e Butler (2003), Lucchini (2003) e Stoecklin (2003) demonstram que a vivência de rua e o abrigo institucional estão interligados, uma vez que a alternância entre a rua, a casa, a instituição e outros campos é algo corriqueiro e comum a esses meninos e meninas.

Como ferramenta, utilizou-se o Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E), desenvolvido por Walter Trinca, em 1972, como uma técnica de investigação da personalidade que emprega desenhos livres associados a estórias, conforme Trinca e Tardivo (2002). Através deste, solicita-se que a criança faça um desenho livre e, em seguida, conte uma estória sobre ele. Após isso, utiliza-se um inquérito para buscar alguns detalhes e/ou esclarecer alguns pontos do desenho e da estória. Por fim, pede-se que a criança dê um título à produção. Esse procedimento é repetido ainda mais quatro vezes.

No caso deste estudo, a técnica será realizada na modalidade “Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema”, extensão do D-E para estudos com temáticas específicas, muito válida para a pesquisa (Trinca e Tardivo, 2002). Foi solicitada, para as crianças participantes, uma sequência de três D-E, sobre a temática do

³ Pesquisa aprovada com o parecer número 2.121.746, sob CAEE 69311817.1.0000.5346.

brincar na vivência de rua. Buscando atender aos objetivos deste estudo, foram feitas as três solicitações a seguir: 1) “desenhe como é quando você está na rua”; 2) “desenhe uma situação de brincadeira na rua”; 3) “desenhe sua brincadeira preferida na rua”. Após a realização de cada desenho, as crianças foram estimuladas a contarem uma estória, sobre a qual foi realizado o inquérito, na forma de diálogo. Por último, foi pedido para as crianças um título a cada D-E produzido.

Os encontros com as crianças participantes tiveram seu áudio gravado, sob a permissão prévia das mesmas, sendo as falas posteriormente transcritas, a fim de garantir maior fidedignidade na análise do material. É importante destacar que a gravação do áudio foi um procedimento acrescentado à Técnica de Desenhos-Estórias, que possibilitou apreender os detalhes do encontro, enriquecendo ainda mais a totalidade do material coletado. Os encontros tiveram duração aproximada de uma hora e somente ocorreram após autorização prévia da responsável legal pelas crianças, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como da própria criança, pelo Termo de Assentimento. Além disso, a participação foi voluntária e foi assegurado o sigilo quanto à identidade dos participantes.

É importante levar em consideração limitações com relação à metodologia adotada e o contexto onde o estudo foi realizado. Salienta-se que não houve observação direta das crianças participantes brincando, portanto, este estudo considera apenas o discurso das crianças, suas percepções e sentidos atribuídos por elas ao ato de brincar no contexto da vivência de rua. Outro desafio foi o da assimetria nas relações da pesquisadora e dos demais adultos (funcionários) com as crianças, em decorrência da diferença geracional e do contexto institucional onde foi realizada a pesquisa. Nesse sentido, os relatos dos participantes estavam circunscritos a essa realidade geracional e institucional.

Assim, em decorrência dessa assimetria, ressalta-se algumas potencialidades do método que possibilitaram minimizar esse aspecto. Buscou-se criar um ambiente acolhedor para a criança, adaptando as explicações da pesquisa e dos procedimentos a uma linguagem acessível a ela e salientando sobre a participação ser voluntária e o espaço ser também de escuta e afetividade através do encontro. Esse processo de explicações, envolvendo também a apresentação da pesquisadora, a explanação dos procedimentos e a busca da autorização da criança, pode ser chamado de *rapport*, sendo indispensável para garantir a qualidade do encontro (Sousa, 2015).

Além disso, acredita-se que as crianças puderam se sentir contempladas pela escolha do instrumento metodológico, pois o uso de desenhos e de estórias permitiu uma aproximação da pesquisadora com o mundo infantil, no qual o discurso é perpassado pelo lúdico e por outras formas de expressão para além da linguagem verbal. Conforme Moreira (2004), a pesquisa deve ser uma oportunidade de expressão para a criança, de forma que sua fala seja legitimada e revele possibilidades de produção de conhecimento sobre si mesma e suas relações. Ademais, Sousa ressalta que “pesquisar a subjetividade infantil significa instalar a criança num lugar de protagonismo, em defesa do seu status de sujeito” (Sousa, 2015: 73). Assim, esse “mergulho” na linguagem e na subjetividade da criança parece ter proporcionado certa visibilidade para ela e também um lugar para sua trajetória, ainda que em meio à institucionalização.

2.2. Participantes do estudo

Foram incluídas no estudo três crianças, de ambos os sexos, de até doze anos, atendidas pela instituição de acolhimento. As mesmas têm ou tiveram vivência de rua e aceitaram participar da pesquisa, através do encontro com Desenhos-Estórias sobre a temática proposta.

Cabe aqui salientar o conceito adotado, na inclusão dos participantes, ao utilizar o termo “vivência de rua”. Em consonância com Lucchini (2003), a vivência de rua estaria caracterizada por uma mobilidade incessante entre os campos da vida da criança, sendo a rua seu “pólo organizador”, o principal campo. Isso significa que as crianças participantes do estudo não necessariamente dormem ou dormiram nas ruas, pois não é o espaço em que elas se localizam que é levado em consideração, mas sim onde elas se localizam subjetivamente (Soares *et al.*, 2003). Logo, entende-se que, na vivência de rua, o espaço da rua faça parte do mundo da criança. Por fim, serão apresentados os três participantes, por meio de nomes fictícios, a fim de resguardar dados que permitam a identificação.

2.2.1. Luiz, 9 anos

Luiz estava sob medida de proteção de acolhimento institucional em decorrência de sua vivência de rua e de seus irmãos, uma vez que eram vistos no centro da cidade pedindo dinheiro às pessoas, sem frequentar a escola. Na casa em que moravam, residia junto um companheiro de sua mãe, que bebia álcool e tentava violentar sexualmente as meninas e fisicamente os meninos, conforme informações da instituição de acolhimento. O pai também fazia uso abusivo de álcool e pouco se fazia presente. Atrelado a isso, a falta de alimentação e de recursos financeiros colaborou para impulsionar a saída do grupo de irmãos de casa, levando-os a essa situação de evasão escolar e vivência de rua. Assim, sofreram negligência por parte da família (mãe e pai), que não garantiu seus cuidados básicos e foi conivente com a situação, visto que ganhavam dinheiro e mantimentos nas ruas e levavam para sua mãe em casa.

2.2.2. André, 10 anos

André possui um histórico de sucessivos acolhimentos institucionais, pois sofreu abandono de sua mãe, que por vezes afirmava querer e poder voltar a cuidar dele, e por fim voltava a abandoná-lo. Seu pai faz uso abusivo de álcool e outras drogas, sendo sua residência um local de risco a André, e não possuindo condições de cuidá-lo. André possui também uma irmã, que foi adotada por uma família que permite o encontro esporádico dos dois, em alguns finais de semana. Há também um senhor e uma senhora, a quem André chama de “meu amigo” e “minha amiga”, que possuem vínculo afetivo com ele, levando-o para passear nos finais de semana em suas casas ou em outros locais da cidade. A vivência de rua de André é essencialmente caracterizada pela liberdade de alternar entre o acolhimento institucional, a rua (como espaço de brincadeira e diversão) e as casas de seus familiares (que visita sem autorização da instituição), uma vez que não acata às regras e evade da instituição quando deseja.

2.2.3. Nicole, 12 anos

Nicole possuiu vivência de rua até os seus dez anos de idade, quando foi acolhida na instituição e permanece até o momento. Tem uma irmã dois anos mais nova, sua mãe faleceu quando ela tinha seis anos, e seu pai era uma figura ausente e, quando apareceu para cuidar dela, ela refere que ele tentou cometer violência sexual contra ela. Nicole, após a morte de sua mãe, foi separada de sua irmã (que foi para outra cidade morar com uma avó) e fez diversas tentativas de morar com familiares, residindo com a bisavó, depois com a avó, depois com um tio e assim por diante. Em quase todas as situações, Nicole refere que sofria violência física, sexual ou negligência e fugia. Nicole traz isso durante o encontro: “Olha, não foi só uma pessoa que me fez mal. Muitas pessoas me fizeram mal”. A única tentativa que obteve êxito foi a de morar com sua avó paterna, porém a mesma faleceu após alguns anos. Essa dinâmica culminou na medida protetiva de acolhimento institucional e também na ruptura total dos vínculos de Nicole com sua família.

2.3. Procedimentos de análise dos dados

Gomes (1994) compreende que é preciso um olhar atento para os dados da pesquisa, e que, para isso, a análise e a interpretação dos dados devem se unir em um só movimento. Para este estudo, a análise dos dados foi feita através da análise de conteúdo temática, que, conforme Bardin, “consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 1977: 105). Assim, o material foi analisado de forma detalhada e cuidadosa, uma vez que essa técnica permite sistematizá-lo por meio do tema.

A análise foi realizada em três etapas. Em um primeiro momento, foi analisado de forma individual cada D-E de cada criança. Já na segunda etapa ocorreu a análise dos três D-E de cada criança. E, por fim, a última etapa compreendeu a análise do conjunto dos D-E de todas as crianças participantes. Da mesma forma, as gravações foram transcritas e analisadas. A partir disso, foram elencadas as seguintes categorias, de acordo com a intensidade e a frequência com que alguns elementos apareceram: “Além da gente pedir dinheiro [...]. No mesmo tempo a gente brincava’: especificidades do brincar no contexto da rua” e “A rua como lugar de perigo?”.

Antes de adentrar nos resultados propriamente ditos, cabe destacar brevemente alguns elementos do processo de produção dos desenhos-estórias, bem como da interação entre a pesquisadora e as crianças, que, segundo Minayo (2002), diferencia os resultados da investigação – ou seja, mesmo que vários pesquisadores trabalhassem com as mesmas indagações, os resultados seriam diferentes. Conforme mencionado anteriormente, houve o cuidado da pesquisadora em utilizar uma linguagem compreensível pelas crianças desde o convite de participação até o final do encontro. Os três participantes acolheram a proposta da pesquisa e foram bastante receptivos, mencionando que gostavam de desenhar. Entretanto, o processo foi bastante diferente para os três.

Luiz investiu significativamente em todos os desenhos, porém falava pouco, fazendo com que a pesquisadora tivesse de estimulá-lo em diversos momentos,

inclusive na construção da estória (explicando que poderia ser real ou inventada, por vezes começando com “era uma vez” para que ele continuasse). Já com André, a conversa se desenvolveu de forma mais fluida. Seus desenhos foram parcialmente coloridos, porque ele começava a colorir apenas quando era iniciado o diálogo, estando o desenho em preto e branco no momento em que verbalizava ter finalizado. Dessa forma, enquanto conversava com a pesquisadora, permanecia de cabeça baixa, compenetrado na pintura do desenho, dando a impressão de estar, de certa forma, alheio à conversa, ainda que estivesse conversando espontaneamente. A participante Nicole investiu tanto nos desenhos-estórias, quanto no diálogo, embora inicialmente tenha se mostrado tímida, detendo-se apenas na produção do desenho. No entanto, ao finalizar o primeiro desenho, começou contar sobre suas experiências de forma aberta, demonstrando inclusive certa necessidade em falar sobre sua história de vida e ser escutada.

3. Resultados e discussões

3.1. “Além da gente pedir dinheiro [...]. No mesmo tempo a gente brincava”: especificidades do brincar no contexto da rua

Os participantes do estudo demonstraram, em seus desenhos-estórias, componentes essencialmente lúdicos no que se refere às vivências que possuem na rua. Além do material produzido, essa ludicidade foi também percebida através de seus discursos e de suas narrativas sobre essa experiência. As brincadeiras trazidas pelas crianças foram pega-pega, pular corda, futebol e esconde-esconde, brincadeiras que podem ser entendidas como tradicionais, presentes em diferentes gerações e culturas. Nesse sentido, “é interessante a existência de certos padrões lúdicos universais, mesmo observando-se diferenças regionais, como variações nas designações, e nas regras e suas formas de utilização” (Pontes e Magalhães, 2003: 117).

O esconde-esconde foi a brincadeira que ganhou especial destaque, não só por ter sido colocada pelas três crianças, mas também pela atenção que as mesmas deram a essa brincadeira durante o diálogo. Do modo como foi relatada pelos participantes, a brincadeira consiste em um grupo que se esconde em diversos locais na rua enquanto uma única pessoa, de olhos fechados, “conta” certo tempo em números, em um ponto inicial (para eles, esse ponto era um poste de luz). Assim que termina, essa pessoa sai à procura dos demais e, quando os encontra, deve correr e chegar primeiro que eles até o ponto inicial de contagem, para que, enfim, eles estejam “pegos”. O participante André, em um de seus Desenhos-Estórias, retrata essa cena (figura 1), descrevendo a brincadeira:

Pega brincadeira (Estória 2). Era uma vez... Tava brincando de esconde-esconde. Uma gurria tava escondida atrás do carro quebrado, e outro tava escondido atrás da geladeira. Um dentro do carro quebrado e um dentro de casa. Daí eles tavam brincando, daí cada um foi pego. Daí a gurria foi a última e o guri que tava dentro do carro se bateu. Daí a gurria contou e aconteceu tudo de novo, mas em lugares diferentes.



Figura 1. Desenho 2 de André.

Assim como André, Nicole, em seu último D-E, retratou o esconde-esconde, que disse ser sua brincadeira preferida (figura 2).



Figura 2. Desenho 3 de Nicole.

A cena se passa durante a noite, pois Nicole desenhou o céu escuro, estrelas e postes de luz, colorindo bastante o cenário. Sua estória se restringiu a poucas palavras: “Eu e as brincadeiras (Estória 3). Minha brincadeira preferida é esconde-esconde”. Porém, durante o inquérito, Nicole revelou mais detalhes, contando que brinca dessa forma com primas, familiares, colegas e amigos. No desenho, disse que a personagem não era ela, mas quando questionada sobre como essa personagem estava se sentindo ali naquela cena, Nicole disse: “Ai, sem ninguém assim, dá medo”. Assim, ela não só desenha a personagem sozinha na cena, como também enfatiza isso por meio de sua fala, associando o medo a essa solidão. Para refletir sobre o esconde-esconde enquanto brincadeira unânime dos participantes, cabe evocar a passagem em que Freud (1920), observando o brincar de um menino (seu neto), narra a brincadeira do “fort-da”. Essa brincadeira consistia em atirar para longe um carretel, segurando-o pelo cordão, pronunciando *fort* (palavra alemã que significa “ir”), e em seguida puxando esse cordão e trazendo de volta o carretel, pronunciando *da* (palavra alemã que significa “aqui”). Conforme o autor, essa brincadeira ilustra o desaparecimento e o retorno, provocados pela própria criança, numa tentativa de se engajar em um papel ativo sobre a vivência da perda de um objeto. Nesse sentido, ainda que fazer o objeto desaparecer, por meio da brincadeira, possa ser doloroso e trazer à tona experiências de sofrimento, fazê-lo retornar gera prazer, através da sensação de domínio sobre a situação.

Pode-se considerar o esconde-esconde uma versão mais elaborada do *fort-da*, que, de forma muito semelhante repete a perda de um objeto, provocando, por fim, o reaparecimento deste. No esconde-esconde, onde a criança está ativamente escondida, o desejo de não ser encontrada divide espaço com outro desejo, o de ser descoberta, sendo este último, na verdade, fruto de um temor: o de não ser descoberta por ninguém (Oliveira e Fux, 2014). Essa leitura da brincadeira de esconde-esconde parece bastante pertinente para a compreensão do brincar dos participantes do estudo, uma vez que os três passaram por situações de abandono e negligência em suas famílias, sofrendo o afastamento ou a perda de pessoas amadas por eles. O esconde-esconde pode estar, portanto, a serviço da elaboração dessas perdas, que podem ser vividas como traumáticas por essas crianças, bem como do desejo de serem, enfim, “encontradas”.

Outro aspecto interessante de ser destacado é com relação ao local de brincadeira das três crianças participantes. Luiz trouxe cenas de diversão apenas em locais que se pode identificar como bairros a partir de sua fala; em sua vivência nas ruas do centro da cidade, não havia brincadeiras. Nos D-E de André também se pode perceber a presença do brincar apenas nas ruas dos bairros da cidade e, mais especificamente no caso dele, no seu próprio bairro de residência. Já Nicole demonstrou brincar tanto em bairros quanto no centro da cidade, nos momentos em que isso era possível, no entanto, contou que prefere as ruas dos bairros conhecidos.

Nas situações em que brinca de esconde-esconde, Nicole diz que brinca em “ruas onde tem menos movimento”, ou seja, menos carros. Além disso, conta: “A gente brinca na frente de casa assim. Que tem gente. Daí tão vendo a gente brincar”. Referindo-se aos momentos em que brinca na frente da casa de amigos, colegas e primas, ou mesmo na frente da instituição de acolhimento, Nicole parece se sentir melhor quando suas brincadeiras são supervisionadas. Assim, isso pode

revelar que gostaria de ter adultos resguardando o seu brincar, dando algum tipo de suporte, de olhar e de cuidado. Acrescenta-se a isso o fato de que sua história é marcada por insegurança e desconfiança por parte dos adultos, bem como por ambientes e pessoas que ofereciam riscos, e não proteção.

A brincadeira se configura em um momento de espontaneidade, liberdade e criatividade, e necessita de um “outro” que possa mostrar-se disponível e dar certo respaldo e continência a essa situação do brincar. Conforme Winnicott (1989), o brincar é uma atividade criativa que deve ser desempenhada em condições nas quais a criança tem confiança em alguém, bem como a experiência de um cuidado bom. Para o autor, o cuidado insuficiente e a falta de confiança fazem diminuir a capacidade da criança de brincar. Logo, compreende-se a preferência das crianças participantes por locais mais residenciais e familiares para que possam desenvolver suas brincadeiras, uma vez que isso pode explicitar uma busca por segurança, cuidado e confiança. As situações de violência e fragilização de laços sociais mostram à criança que ela pouco pode confiar no ambiente, prejudicando o desenvolvimento saudável das mesmas, que se fundamenta nas relações de confiabilidade e no brincar espontâneo (Amiralian e Galván, 2009).

Os três participantes, de alguma forma, manifestaram, como atributos da brincadeira vivida na rua, a autonomia precoce, a ausência de contenção de um adulto e a liberdade. Porém, esses atributos ficaram ainda mais evidentes no caso de André, pois, para ele, parece haver uma fronteira tênue entre a residência de sua família e a rua, sendo que em ambos vivencia a ausência de proteção, de regras e de limites, bem como a liberdade. Pode-se caracterizar, assim, a rua como “extensão” dessa residência, pois entre esses dois espaços parece não haver um “abismo” de diferenças, mas sim grandes semelhanças. Indo além, pode-se dizer que talvez o “perigo” – que André afirmou não encontrar na rua – esteja, na verdade, em casa, fato que explica André estar sob medida de proteção de acolhimento institucional. Sobre isso, Soares *et al.* (2003) afirmam que a rua pode oferecer proteção e liberdade, em contraponto ao universo familiar que, nesses casos, apresenta-se como local de repressão, conflitos, violências e elos afetivos fragilizados.

Conforme Sakamoto (2008), o ambiente “suficientemente bom” deve amparar a criança a partir de dois suportes: o suporte afetivo, que garante a livre expressão e a experimentação segura; e o suporte cognitivo, que garante a segurança da experimentação através dos parâmetros da realidade, dos limites e das regras. Considerando que brincar é também experimentar, faz-se imprescindível o olhar cuidadoso dos adultos, a fim de assegurar a qualidade dessas experiências na vida da criança. Contudo, no caso dos participantes deste estudo, sabe-se que não tiveram esse suporte nas ruas, aspecto corroborado pela ausência de figuras adultas em todos os D-E de todas as crianças.

É importante considerar, também, que dois participantes, Luiz e Nicole, demonstraram que não foi possível brincar em alguns locais, momentos e contextos. Durante o diálogo, Luiz relatou que já permaneceu nas ruas do centro da cidade, e que lá não havia brincadeira, apenas caminhava sozinho “pra lá e pra cá”. Seus irmãos estavam junto com ele nesse momento da vida, entretanto ele conta que só brincava com o irmão menor, pois os maiores lhe batiam, fato que fazia com que ficasse sozinho às vezes. Ele compartilha isso no momento em que é

questionado sobre como se sentia na rua: “Ah, se sentia triste. Porque... Todo os meus irmão batiam. Daí que... Eu não chegava perto deles”.

Além de Luiz, Nicole, a partir de seu primeiro D-E (figura 3), retrata uma situação em que, conforme ela, por diversas vezes o brincar também não foi possível. A impossibilidade de brincar em alguns momentos de sua vida decorreu da situação de miserabilidade de sua família, que necessitava trabalhar com reciclagem para garantir a sobrevivência, sendo que Nicole e sua irmã participavam dessa atividade, auxiliando a mãe e, ocasionalmente, também o pai. Ademais, as duas meninas pediam dinheiro nas ruas, conforme a estória contada a partir do desenho pela participante:

Minha história (Estória 1). Nesse desenho que fiz é minha história da minha época da minha mãe no começo de minha vida foi assim comecei a mora na rua comer coisa do lixo ajuntar e reciclar e pedia dinheiro nas ruas com minha ermã e as pessoas ajudavam isso penso hoje agradeço a deus que boto um caminho bom em minha vida e agora não desperdiço nada pq [porque] como eu não tinha nada pra comer.

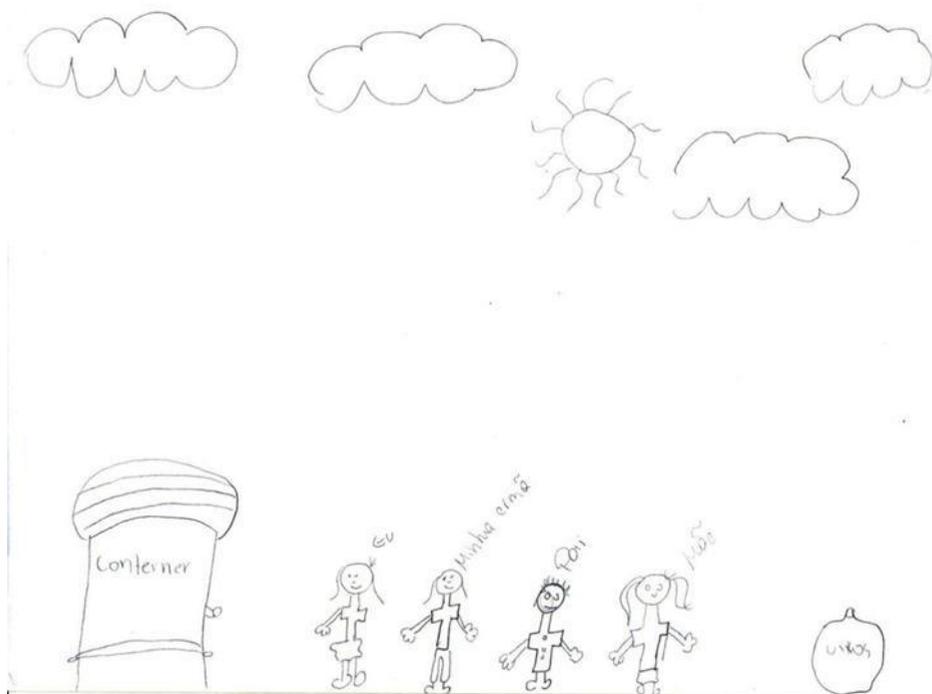


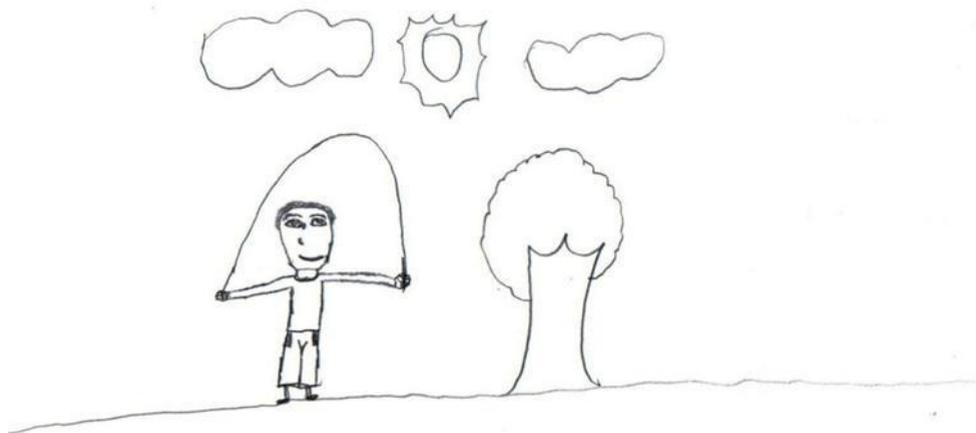
Figura 3. Desenho 1 de Nicole.

Essas atividades que visam o ganho de dinheiro, para Santos (2004), reduzem a oportunidade das crianças brincarem, visto que trabalhar enquanto criança não é o ideal para a expressão da ludicidade e da vivência da infância. No entanto, o autor

destaca que, ainda assim, essa condição não impede que o brincar ocorra, revelando a força de resiliência das crianças nessa situação, bem como o poder da brincadeira em um contexto desfavorável. Esse parece ter sido o caso da participante Nicole, pois ainda que em alguns momentos o brincar estivesse impossibilitado de ocorrer, em outros ela o tornou possível, inserindo a diversão na sua atividade de “trabalho”, como demonstra na fala: “Além da gente pedir dinheiro [...]. No mesmo tempo a gente brincava”.

Embora o brincar na rua apresente esses desafios e peculiaridades, ele permanece sendo fonte de saúde e criatividade, propiciando o desenvolvimento e tornando-se não só uma atividade pessoal, mas social e cultural (Sakamoto, 2008). As crianças participantes salientam, em alguns momentos, a importância do brincar para elas. André, quando questionado sobre como seria a rua sem a brincadeira, disse: “Não teria nada. Seria chato, ninguém ia pra rua”. Nicole, que é um pouco mais velha que os demais participantes, também acrescenta: “E brinco até hoje. E gosto de brincar”. Por fim, Luiz, em um de seus desenhos-estórias (figura 4), ao descrever um personagem, afirma que ele “com um sorriso ficava alegre”, resgatando a essência da infância, onde o sorriso e a alegria, enquanto manifestação do brincar, podem surgir mesmo em meio à vulnerabilidade.

(Estória 3). Era uma vez um menino que se chamava [Luiz] com um sorriso ficava alegre, gostava de pular corda e jogar futebol. Mas às vez não tinha ninguém para ir ao seu treino ao jogar futebol, mas mesmo assim ele jogava futebol sozinho às vezes e pedia a bola emprestada para um vizinho. Fim.



3

Figura 4. Desenho 3 de Luiz.

3.2. A rua como um lugar de perigo?

Comumente associa-se a rua a um espaço repleto de perigos e riscos, onde não se deve permanecer, mas apenas “passar”. É do senso comum premissas como “não se deve ficar na rua até tarde” ou “não é bom andar sozinho pela rua”, colocando em evidência o medo que paira sobre a sociedade com relação à rua e suas adversidades. E, se para as pessoas que apenas utilizam a rua como via de acesso a outros locais a rua já apresenta certo perigo no imaginário social, tão mais perigosa ela seria para quem a utiliza como principal campo e espaço de vida; acrescentando ainda uma “dose” a mais de perigo quando se tem por foco as crianças, que, em condição peculiar de desenvolvimento, encontram-se mais vulneráveis (Santos, 2014).

De fato, diversos estudos ressaltam os riscos que a rua oferece a meninos e meninas que dela fazem o seu meio de vida, tais como violências, envolvimento com drogas, falta de higiene e cuidados básicos, exploração sexual, miserabilidade, abandono, entre outros (Ribeiro e Ciampone, 2002; Graciani, 1992; Barros, 2008; Gontijo e Medeiros, 2009; Witt, 2016). No entanto, contrariando a ideia de perigo que socialmente se construiu em torno da rua, as crianças participantes deste estudo retrataram a rua para além do perigo, de forma que este ficou em segundo plano. Os três participantes, na verdade, antes mesmo de falarem sobre perigos, ressaltaram o caráter lúdico que veem na vivência de rua. Botelho e Leite confirmam essa ideia, afirmando que “a rua está para além do ‘espaço de sobrevivência’, pois também é um ‘espaço para a ludicidade’” (Botelho e Leite, 2008: 174).

A valorização do lúdico em detrimento do perigo foi percebida no discurso das três crianças, pois, segundo Soares *et al.*, “o medo da rua gradativamente vai perdendo espaço para um sentimento de pertencimento àquele espaço” (Soares *et al.*, 2003: 186). Em seu primeiro D-E, o participante André desenhou apenas uma rua com casas e sem pessoas, dizendo ser a rua em que morava (figura 5). Na estória, contou que brincava em uma madeireira, atrás de sua antiga casa, em ruas próximas e também em um estádio de futebol próximo, com amigos de sua redondeza:

Estou brincando (Estória 1). Era uma vez... Eu às vezes brincava numa madeireira, na pilha de madeira, ficava brincando com meu amigo atrás de casa ou eu ia no bar ajudar. E o certo... Eu não brincava na frente de casa, eu brincava em outra rua, daí lá eu tinha mais amigos, um de 12, uma de 13, uma de 10. Daí na rua, às vezes eu brincava com meu amigo atrás de casa, às vezes no [nome do estádio de futebol] brincar e olhar o jogo. Ficava até meia-noite brincando de pega-pega, e às vezes eu posava na casa do meu amigo. Aí era assim e eu deixava a minha irmã em casa. E quando eu posava em casa, ficava eu e a minha irmã, e o pai saía de noite.

Na estória, traz elementos como ficar até tarde da noite brincando, sair para ruas que não a da sua residência e se deslocar para diferentes lugares com diferentes pessoas, que denunciam sua destreza e perspicácia nesse contexto. Tanto no D-E, quanto no diálogo, ficou aparente que a rua, para André, é essencialmente um lugar

de brincadeira e de crianças, do qual ele se sente bastante pertencente e apropriado, conforme ele comenta no encontro: “Quando eu tava na rua era brincando”.



Figura 5. Desenho 1 de André.

Esse processo de apropriação simbólica do espaço da rua pela criança está relacionado a um distanciamento com relação ao seu lugar de origem, de forma que esse movimento não é físico ou material, mas sim subjetivo, aonde a criança vai incorporando a rua ao seu sistema identitário (Lucchini, 2003). De fato, não só André, mas também Nicole e Luiz, não por acaso parecem ter gradualmente se afastado de suas famílias na medida em que intensificavam suas vivências nas ruas, apropriando-se desse meio. Entende-se, portanto, que a “escolha” pela rua tenha se configurado em uma complexa movimentação em direção à proteção e à sobrevivência psíquica, uma vez que o local de origem parecia não mais dar conta desses aspectos.

Entende-se a rua, portanto, como uma maneira para assegurar aspectos propiciadores para a saúde mental e não apenas como lugar de passagem; a rua também é um meio de vida e um espaço de sobrevivência e de formação de vínculos, ou seja, uma possibilidade de distanciamento da comunidade de origem por ser um ambiente adverso e estressante (Botelho e Leite, 2008: 174).

Além disso, considera-se elevado o grau dessa apropriação quando a criança consegue dominar os polos do controle e da liberdade, sendo esse domínio “muito gratificante, pois se refere ao poder que a criança exerce sobre os riscos que

comporta a vida na rua e sobre o acesso aos diferentes recursos do espaço” (Lucchini, 2003: 70). Em concordância, Stoecklin (2003) salienta que as crianças nas ruas são atores, que não apenas se adaptam passivamente à situação, mas que ativamente tentam superar os desafios ao criarem o seu próprio universo na rua.

André trouxe, inicialmente, a rua como local onde não existem perigos ou aspectos negativos. Quando questionado se alguma vez ocorreu algo ruim na rua, ele diz: “Na rua nunca aconteceu nada comigo. [...] Dali da rua eu conhecia todo mundo”. Isso aponta para a representação que André fez da rua, como um espaço familiar, um território conhecido e até mesmo seguro. Entretanto, em determinado momento, enquanto descrevia a brincadeira de esconde-esconde, André afirma: “Daí tinha um beco, a gente se escondia lá. [...] Eu que tinha medo, eles [amigos] me protegiam”. Em meio ao discurso de que a rua possui apenas aspectos positivos, sustentado até o fim do encontro, emergiu o medo como um sentimento negativo. Esse medo pode ser expresso na fala de André, como também a sensação de ser cuidado, que teve por parte dos amigos naquela situação. Assim, percebe-se que, na medida em que André conta sobre sua vivência de rua, surgem esses elementos negativos, mas que, ainda sim, são superados pelos elementos positivos. Isto é, parece que a dimensão do medo não é a que prevalece.

Nicole também demonstra sua apropriação da rua quando questionada sobre os perigos, relatando que não tinha perigos: “porque bem dizê as pessoa já conheciam a gente”. A rua, para ela, representava, além de fonte de sustento (através da reciclagem), o espaço em que ocorria a convivência familiar, onde se construíam e fortaleciam os vínculos familiares e se manifestavam relações de afeto. Por isso, Nicole, durante o diálogo, relembra desses momentos com saudade, ainda que tenha salientado as dificuldades enfrentadas nesse contexto, pois ali estavam duas figuras muito importantes que já não fazem mais parte de seu cotidiano – a mãe e a irmã. Botelho e Leite (2008) esclarecem que a rua não é necessariamente um espaço público, podendo se tornar muitas vezes um espaço privado de constituição psíquica e social, quando é utilizado como meio de vida, conforme a situação descrita pela participante Nicole.

Entretanto, em meio a essa “segurança” expressa por Nicole sobre a rua, ela narra um episódio no qual sentiu medo, quando sua irmã se perdeu em meio a uma passeata no centro da cidade: “Ela foi ver os carro e se perdeu [...]. E a gente nem tinha visto ela. E daí ela ficou perdida. E daí quando ela [...] olhou e não viu a mãe e começou a chorar”. Ainda, quando foi perguntado se esse momento de sua vida podia ser considerado bom ou ruim, Nicole responde: “Era bom e ruim. Assim, na média. Porque às vez a gente se perdia, sabe? [...] Mas a gente se encontrava”. E ao final do encontro, enfim, assume que há algum perigo no contexto da rua, dizendo: “Assim, tinha os perigo, sabe? De alguma pessoa pega e querer pega a gente [...] de alguma de nós se perder assim”. Logo, o risco e a vulnerabilidade de estar na rua emergem em determinado momento, embora este espaço também contenha boas e afetivas recordações para Nicole.

Para os três participantes, de imediato, a rua não se configura em um espaço desorganizador, ameaçador e de risco; pelo contrário, esse espaço parece oferecer organização e possibilidades diferentes de vida, uma vez que eles redimensionam vivências e exploram os seus potenciais criativos. Porém, aprofundando o diálogo, eles explicitaram a existência de riscos, transparecendo medos e relatando

situações em que se sentiram desprotegidos e desamparados. Isso revela que a relação da criança com a rua pode ser considerada uma relação dialética, onde ora se apresenta como convidativa e “protetiva”, ora como perigosa. Todavia, ao contrário do que se pode inferir de antemão, o perigo é menos reconhecido por eles – e até mesmo menos vivido – uma vez que conhecem a rua e sentem que a dominam, e que não são por ela dominados. Sentir-se no domínio de uma situação, ou seja, apropriar-se dela, é também dar uma resposta à sensação de impotência e desamparo, muitas vezes sentida em contextos familiares onde imperam a fragilidade, a vulnerabilidade e a exclusão social.

4. Considerações finais

Tomando por base a discussão apresentada neste estudo, entende-se que a rua, para as crianças participantes, configurou-se como um espaço onde puderam desenvolver o brincar, ainda que a vivência de rua impusesse uma condição de extrema vulnerabilidade e, conseqüentemente, outros afazeres da ordem da sobrevivência - como pedir dinheiro aos transeuntes e reciclar. Quanto ao problema de pesquisa explorado, pode-se compilar os discursos dos três participantes na seguinte resposta: sim, existe brincar no âmbito da vivência de rua, com as suas especificidades, seus sentidos e suas múltiplas formas.

Nesse âmbito, pode-se compreender o brincar como forma de resistência dessas crianças frente a situações que podem ser consideradas como opressivas, tais como aquelas em que há a violação de direitos. Além disso, as brincadeiras pareceram estar a serviço de algumas demandas internas de elaboração e ressignificação, tais como os sentimentos de abandono, medo, desamparo e solidão, ocasionados pelos contextos familiares fragilizados e pela desproteção sentida em meio à experiência nas ruas. Com isso, entende-se que o brincar, no contexto da rua, envolve uma série de fatores de risco, que dificultam o desenvolvimento dessa atividade, mas que a brincadeira, enquanto inerente à infância, está acima desses desafios.

Assim, a valorização da brincadeira, por parte das três crianças, colocou em suspensão a dimensão de perigo e de risco que a rua comporta, já que, para elas, essa dimensão fica apenas como pano de fundo, enquanto o brincar ganha destaque. Nesse sentido, compreende-se que ir para a rua pode ser, por vezes, uma estratégia para se proteger, visto que a família não consegue oferecer o suporte material e afetivo de que necessita a criança. No caso dos participantes deste estudo, que residiam em uma instituição de acolhimento, os vínculos familiares já sofreram graves rupturas, a partir de violações de direitos. Por isso, ainda que tivessem todo o suporte físico e material necessário na instituição, careciam de vinculações afetivas familiares que fossem sólidas e estáveis, uma vez que o suporte afetivo familiar se encontrava fragilizado ou até mesmo inexistente.

Por isso, ainda que se considere que as crianças deveriam ter o direito de circular pela cidade e compartilhar os espaços urbanos, agregando experiências às suas trajetórias de vida, no contexto deste estudo, a experiência de rua foi entendida como um indicativo de que a infância, enquanto alvo de políticas públicas, não foi prioridade, conforme preconiza o ECA no Brasil. Dessa forma, entende-se que a rua possa ter significado um alento, contudo ela não é a solução.

Há a necessidade de atendimento às famílias a partir de serviços públicos estruturados e capacitados, a fim de que as mesmas sejam suficientemente amparadas e instrumentalizadas para garantir o cuidado integral daqueles que estão sob sua responsabilidade. Tais serviços são aqueles ligados ao Sistema Único de Saúde (SUS) e ao Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que devem garantir a proteção das crianças e de suas famílias no Brasil. Além disso, faz-se imprescindível, quando estabelecida a situação de ruptura familiar, a oferta de outras opções de vinculação para a criança, que não apenas a rua, para que disponha de melhores oportunidades de vida e de um desenvolvimento saudável. Nesse sentido, torna-se importante dispor de equipamentos e espaços públicos também de lazer e cultura, que junto à escola, à saúde e à assistência social trabalhem de forma intersetorial na garantia de direitos das crianças.

Por fim, levando em consideração a escassa literatura acerca do brincar na vivência de rua, sugere-se a realização de mais pesquisas sobre o tema. Além disso, entende-se a necessidade de ampliar o conhecimento e abarcar outros enfoques e aspectos igualmente importantes sobre a vivência de rua de crianças. É possível que assim, lançando um olhar cada vez mais cuidadoso e reflexivo sobre esse fenômeno, compreenda-se mais profundamente quais são suas origens, de que forma ocorre a sua manutenção e continuidade, e quais seriam as possibilidades de intervenção mais efetivas nesse contexto. Acredita-se que este estudo tenha contribuído com a construção do conhecimento nesse âmbito, somando-se às produções científicas que poderão auxiliar, futuramente, na elaboração de diferentes estratégias e melhores intervenções profissionais no trabalho com a infância e com a vulnerabilidade social.

5. Referências bibliográficas

- Alves, P. B. (1998). *O Brinquedo e as Atividades Cotidianas de Crianças em Situação de Rua*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS: Porto Alegre, RS, Brasil (em línea). <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1890>, acesso em 20 de fevereiro de 2018.
- Amado, J. (1937). *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Amiralian, M. L. T. M., Galván, G. B. (2009). Diferentes possibilidades de intervenção a partir da teoria winnicottiana do amadurecimento. *Natureza Humana*, 11(1), 127-152 (em línea). http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000100006, acesso em 11 de fevereiro de 2018.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, P. C. M. (2008). “Tá imbaçado”: uma demanda de reconhecimento e pela violência de crianças e adolescentes em situação de rua. *Pulsional – Revista de Psicanálise*, 21(3), 9-18 (em línea). <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pulsional/v21n3/v21n3a02.pdf>, acesso em 11 de fevereiro de 2018.
- Botelho, A. P., Leite, L. C. (2008). Um adolescente com coceira no pé. Em L. C. Leite, M. E. D. Leite, A. P. Botelho (Orgs.), *Juventude, desafiliação e violência* (pp. 171-184). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Chizzotti, A. (1998). *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais* (3ª ed.). São Paulo: Cortez Editora.
- Ferreira, T. (2000). Os Meninos e a Rua – o Psicólogo e os Impasses da Assistência. *Psicologia Ciência e Profissão*, 20(1), 2-17.

- Freud, S. (1920). Além do princípio de prazer. Em S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (pp. 123-182), v. 2, C. Dornbush et al., Trad., notas de Binet, Bion, Griesinger e Lacan, L. C. Junqueira, C. Katz e S. Alberti. Rio de Janeiro: Imago.
- Garvey, C. (2015). *A brincadeira: a criança em desenvolvimento*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gomes, R. (1994). A análise de dados em pesquisa qualitativa. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (21 ed, pp. 67-80). Petrópolis: Vozes.
- Gontijo, D. T., Medeiros, M. (2009). Crianças e adolescentes em situação de rua: contribuições para a compreensão dos processos de vulnerabilidade e desfiliação social. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 467-475.
- Graciani, M. S. S. (1992). A construção social da identidade de meninos(as) de rua. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 2(1), 148-153.
- Hatoum, M. (2009). Posfácio: o carrossel das crianças. Em J. Amado [1937], *Capitães da Areia* (pp. 265-270). São Paulo: Companhia das Letras.
- Lei n. 8.069, de 13 julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasil. Brasília: Câmara dos Deputados (em línea).
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm.7, acesso em 19 de novembro de 2017.
- Lucchini, R. (2003). A criança em situação de rua: uma realidade complexa. Em I. Rizzini (Coord.), *Vida nas ruas: crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?* (pp. 45-86). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- Minayo, M. C. S. (1994). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. Em M. C. Minayo (Org.), *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (21 ed., pp. 9-29). Petrópolis: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2002). Introdução: entre vôos de águia e passos de elefante: caminhos da investigação na atualidade. Em M. C. S. Minayo, S. F. Deslandes (Orgs.), *Caminhos do pensamento: epistemologia e método* (pp. 17-27). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14 ed). São Paulo: Hucitec.
- Moreira, M. I. C. (2004). Crianças e adolescentes: sujeitos de pesquisa. Em R. M. C. Libório, S. M. G. Sousa (Orgs.), *A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: reflexões teóricas, relatos de pesquisas e intervenções psicossociais* (pp. 185-200). São Paulo: Casa do Psicólogo; Goiânia: Universidade Católica de Goiás.
- Olveira, H. M., Fux, J. (2014). Considerações psicanalíticas sobre os jogos de esconder: do puti ao esconde-esconde. *Agora*, 17(2), 255-269.
- Pontes, F. A. R., Magalhães, C. M. C. (2003). A Transmissão da Cultura da Brincadeira: Algumas Possibilidades de Investigação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 117-124.
- Ribeiro, M. O., Ciampone, M. H. T. (2002). Crianças em situação de rua falam sobre os abrigos. *Revista Escola Enfermagem USP*, 36(4), 309-316.
- Rizzini, I., Butler, U. M. (2003). Crianças e adolescentes que vivem e trabalham nas ruas: revisitando a literatura. Em I. Rizzini (Coord), *Vida nas ruas: crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- Sakamoto, C. K. (2008). O brincar da criança – criatividade e saúde. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 8(2), 267-277 (em línea).
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2008000200014, acesso em 11 de fevereiro de 2018.
- Santos, B. R. (2014). Por uma escuta da criança e do adolescente social e culturalmente contextualizada: concepções de infância e de adolescência, universalidade de direitos e respeito às diversidades. Em B. R. Santos, I. B. Gonçalves, M. G. O. M. Vasconcelos, P. B. Barbieri, V. N. Viana (Orgs.), *Escuta de crianças e adolescentes em situação de*

- violência sexual: aspectos teóricos e metodológicos - Guia para Capacitação em Depoimento Especial de Crianças e Adolescentes* (pp. 27-42). Brasília, DF: EdUCB.
- Santos, E. C. (2004). *Um estudo sobre a brincadeira entre crianças em situação de rua*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS: Porto Alegre, RS, Brasil (em línea). <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5809>, acesso em 21 de fevereiro de 2018.
- Soares, A. B., Martins, A. C., Butler, U. M., Caldeira, P., Rizzini, I. (2003). Trajetórias de vida de crianças e adolescentes nas ruas do Rio de Janeiro. Em I. Rizzini (Coord.), *Vida nas ruas: crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?* (pp. 123-272). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- Sousa, S. M. G. (2015). A pesquisa com crianças: estudo dos sentidos e significados. Em S. T. F. Martin (Org.), *Psicologia sócio-histórica e contexto brasileiro: interdisciplinaridade e transformação social* (pp. 73-97). Goiânia: Ed. Da PUC Goiás.
- Stoecklin, D. (2003). Das potencialidades de crianças e adolescentes em situação de rua ao desenvolvimento social. Em I. Rizzini (Coord.), *Vida nas ruas: crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?* (pp. 87-122). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- Stragliotto, C. E. B. (2008). Pensando sobre o Brincar. *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, (5), 180-187 (em línea). <https://pt.scribd.com/document/301734946/Pensando-Sobre-o-Brincar>, acesso em 12 de fevereiro de 2018
- Trinca, W., Tardivo, L. (2002). Desenvolvimentos do processo de desenhos-estórias (D-E). Em J. A. Cunha, *Psicodiagnóstico – V* (pp. 428-438). Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1957). *A Criança e seu Mundo* (6 ed). Rio de Janeiro: LTC Ed.
- Winnicott, D. W. (1971). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- Winnicott, D. W. (1989). Notas sobre o brinquedo. Em C. Winnicott (Org.), *Explorações Psicanalíticas: D.W. Winnicott*. Porto Alegre: Artmed.
- Witt, C. S. (2016). *A percepção dos profissionais que atuam na rede de assistência social em relação à vivência de rua de crianças e adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria – UFSM: Santa Maria, RS, Brasil.